

STF vê 'fatos gravíssimos' e dá aval a investigação sobre ministro

MINISTÉRIO PARALELO

CERCO JURÍDICO E POLÍTICO
STF abre inquérito contra Milton Ribeiro, e pressão interna no governo por saída aumenta

BRUNO GÓES, AGUIRRE TALENTO, ANDRÉ DE SOUZA E MARIANA MUNZ publico@oglobo.com.br BRASIL

Acosado por denúncias de atuação de lobistas em seu gabinete, o ministro da Educação, Milton Ribeiro, vê o cerco se fechar na esfera judicial, com a abertura de uma investigação sobre o caso, e na seara política, diante do aumento da pressão, inclusive dentro do governo, para que ele seja demitido.



Na berlinda, Milton Ribeiro e Jair Bolsonaro em evento no Planalto: ministros militares e do CentroB defendem a saída do chefe do MEC na reforma ministerial

tificação na bancada evangélica com a manutenção de Ribeiro no cargo. Integrantes do grupo evitam criticar o governo publicamente, mas já fizeram chegar ao presidente a mensagem de que a melhor solução seria demiti-lo.

PRESSÃO PELA DEMISSÃO

Como informou a colunista do GLOBO Bela Megale, boa parte dos ministros de Bolsonaro considera que a saída de Ribeiro seria o melhor caminho.

CONEXÕES POLÍTICAS

A rede de apoios dos envolvidos no escândalo no MEC

MILTON RIBEIRO O ministro da Educação teve seu nome levado ao presidente Jair Bolsonaro pelo então ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência, Jorge Oliveira, atualmente no Tribunal de Contas da União. Seu nome foi encampado ainda pelo então titular da Justiça e atual ministro do Supremo Tribunal Federal, André Mendonça. Ele é pastor presbiteriano, assim como Ribeiro. O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) defendeu, na última terça-feira, a permanência do ministro e que ele continue no cargo em caso de reeleição do presidente.

PASTOR GILMAR SANTOS É aliado antigo do deputado João Campos (Republicanos-GO), que foi líder da bancada evangélica. Tem uma filha empregada no escritório do parlamentar em Goiânia. Em vídeo divulgado em setembro de 2020, Flávio Bolsonaro elogia Santos e o parabeniza pelo aniversário de 70 anos. O presidente do MDB, deputado Baleia Rossi (SP), também gravou uma mensagem no aniversário de Santos, no mesmo ano. No vídeo, Baleia diz que o pastor é "um homem de bem" e "iluminado". Santos e o pastor Arilton Moura estiveram quatro vezes com o presidente Jair Bolsonaro - três no Palácio do Planalto e uma no MEC.

RECADO DADO Nos bastidores do STF, a determinação da magistrada foi compreendida como um recado para que se investigue Bolsonaro. Na decisão sobre o pleito da PGR, Cármen Lúcia dá a medida da gravidade que engendra no caso: "Nos autos se dá notícia de fatos gravíssimos e agressivos à cidadania e à integridade das instituições republicanas que parecem configurar práticas delituosas".

Os personagens principais dos fatos que entraram na mira do Supremo são os pastores Arilton Moura e Gilmar Santos, além de Ribeiro. Como O GLOBO revelou ontem, os pastores Kelson Pinheiro, de Bonfinsópolis (GO), e José Manoel de Souza, de Boa Espe-

na exoneração do chefe do MEC a melhor saída para desanuviar o clima na Esplanada dos Ministérios e no próprio Palácio do Planalto, que acabou dragado para o epicentro da crise. Isso porque Ribeiro alega que recebeu os pastores a pedido de Bolsonaro.

Ontem, o titular do Planalto comentou a crise em sua "live". Bolsonaro argumentou que, se quisesse praticar ilegalidades, Milton Ribeiro não divulgaria em sua agenda oficial as reuniões com pastores e prefeitos levados por eles. O ministro, disse Bolsonaro, tampouco acionaria a Controladoria-Geral da União (CGU) para investigar denúncias de eventuais irregularidades cometidas por eles - a CGU não encontrou crimes. Bolsonaro, porém, não comentou a afirmação feita pelo ministro de que o presidente foi quem lhe solicitou que recebesse os pastores: "Quando se quer armar, vai para o meio do mato, não bota na agenda o nome do corruptor. Eu boto a minha cara no fogo pelo Milton (Ribeiro). No Congresso, cresce a insis-

Pastores lobistas também tinham trânsito no Congresso

Santos é próximo do deputado João Campos, que emprega sua filha; Moura chegou a ser nomeado para cargo na liderança do MDB

JULIA LINDNER E BRUNO GÓES publico@oglobo.com.br BRASIL

Os pastores Gilmar Santos e Arilton Moura, apontados como lobistas que desencadearam uma crise no Ministério da Educação, circulavam com desenvoltura não só na Esplanada dos Ministérios e no Palácio do Planalto. Eles também mantinham relações de proximidade com parlamentares.

Popular em Goiânia, Santos é aliado antigo do deputado João Campos (Republicanos-GO), que era líder da bancada evangélica. Já pediu votos para o amigo e apoiou em 2018. A proximidade, além de ser atestada em publicações de redes sociais, aparece na folha de salário da Câmara. O pastor conseguiu empregar a sua filha, Quêzia Ribeiro dos Santos Costa, no

gabinete de Campos. Segundo o chefe de gabinete do deputado, Marcos Villar, ela atua como secretária e fica lotada no escritório do parlamentar em Goiânia. Com salário de R\$ 2.541,59, trabalha organizando a agenda e atendendo telefonemas. Nas redes sociais de ambos, Campos aparece em reuniões entre o pastor e integrantes do alto escalão, como os ministros municipais. A articulação dos pastores foi revelada pelo jornal "O Estado de São Paulo". Diante da crise que tomou conta do governo, parlamentares, ministros da ala política e militares aumentaram a pressão pela demissão de Milton Ribeiro. Esses atores veem

Assim como o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), o presidente do MDB, deputado Baleia Rossi (SP), gravou uma mensagem no aniversário de Santos, em setembro de 2020. No vídeo, Baleia diz que o pastor é "um homem de bem" e "iluminado". Em maio daquele ano, o pastor Arilton Moura foi nomeado para um cargo na liderança do MDB na Câmara, na época comandada por Baleia Rossi, mas um mês depois o ato foi anulado.

leia, mas um mês depois o ato foi anulado. Segundo fontes ligadas ao MDB, Moura não chegou a tomar posse por ter se recusado a bater ponto. Em novembro do ano passado, a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, esteve com Moura em um encontro na pasta como um embaixador de Israel, Daniel Zonshine, e o deputado Vicentinho Junior (PL-TO). Segundo Vicentinho, ele conheceu Moura através da bancada evangélica em um evento no Itamaraty. Ele não soube afirmar quem os apresentou. E diz que os dois não são próximos e que o contato entre eles foi "trivial".

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Política **Página:** 4